

Relações entre gordofobia e teoria histórico-cultural: interfaces com a educação¹

Valdelice Cruz da Silva Souza²
Josiane Peres Gonçalves³

RESUMO: Ao observar o desenvolvimento da humanidade, é possível notar as diferentes configurações atribuídas ao corpo humano que ocorreram de maneira contraditória, isso é, outrora o corpo gordo foi considerado sinônimo de riqueza e fartura, atualmente é tido como deformidade, feio e repugnante. Destarte, a partir dessa afirmativa, o objetivo desse escrito consiste em analisar criticamente o fenômeno gordofobia segundo a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, bem como destacar sua ação coerciva na vida dos indivíduos, principalmente entre os pré-adolescentes em âmbito escolar. Assim, a pesquisa se pauta numa perspectiva bibliográfica, norteadas por autores que discutem o assunto. Os resultados evidenciam que a gordofobia é internalizada socialmente como signos e ocorre em vários campos sociais, como escolar, profissional e econômico, sendo divulgados constantemente pela mídia. Evidencia-se ainda que o preconceito seja maior em relação às mulheres, o que torna essencial as discussões de gênero relacionado à gordofobia.

Palavras-chave: Gordofobia. Corpo gordo. Vygotsky.

Relations between fatphobia and historical-cultural theory: interfaces with education

ABSTRACT: In observing the development of mankind, it is possible to notice the different configurations attributed to the human body that occurred in a contradictory way, that is, once the fat body was considered a synonym of wealth and abundance, is now considered deformity, ugly and repugnant. From this point of view, the purpose of this paper is to critically analyze the fatphobia phenomenon according to the perspective of the historical-cultural theory, as well as highlight its coercive action in the life of individuals, especially among pre-adolescents in school. Thus, the research is based on a bibliographical perspective, guided by authors who discuss the subject. The results show that fatphobia is socially internalized as signs and occurs in several social fields, such as school, professional and

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). josianeperes7@hotmail.com

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/FAED). Bolsista pela CAPES. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus de Naviraí. Atuou como bolsista de Iniciação Científica – PIBIC CNPq e PIBIC UFMS. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). valczsouza@gmail.com

economic, being constantly disseminated by the media. It is also evident that the prejudice is greater in relation to women, which makes gender-related discussions of fatphobia essential.

Keywords: Fatphobia. Fat body. Vygotsky.

1. INTRODUÇÃO

O presente escrito apresenta a gordofobia como um fenômeno existente na sociedade contemporânea, bem como a trajetória das concepções relacionadas ao corpo humano, refletindo sobre a preferência do corpo magro e a estigmatização do corpo gordo. A partir de uma análise histórica, o artigo retrata as configurações divergentes voltadas a imagem corporal e o momento em que a nomenclatura se determina na sociedade.

A priori, faz necessário denotar as definições sobre gordofobia, sendo uma discriminação enfrentada pelas pessoas consideradas acima do peso. Tal preconceito age de forma doutrinadora e impiedosa na vida dos indivíduos que não atendem ao padrão de beleza o que culmina em exclusão social.

Nesse sentido, a temática torna-se relevante, posto que no momento histórico atual, quem não pertence ao arquétipo estabelecido, sofrem penalização, são ridicularizados, desprezados e criticados devido sua estrutura corporal. Ressalta-se também que a realidade da sociedade brasileira não está em conformidade a padronização dos corpos, isso é, a maioria dos brasileiros estão acima do peso ou obesos, no entanto, há uma obsessão em evitar o corpo gordo a qualquer custo, pois o mesmo se encontra estereotipado como doente e feio, gerando uma rigorosa supervisão do corpo.

Em segundo ensejo, o texto expõe os princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky, a qual trata o homem como essência, buscando entendê-lo de forma dialética entre o natural, cultural, social e participante do processo histórico, fato esse profícuo à compreender as diferentes conotações da imagem corporal e o surgimento da gordofobia.

A teoria vygotskyana justifica a importância de analisar o ser humano de forma profunda e não fracionada ou apartada da história e do social, englobando o particular, o singular e o universal como elementos básicos para entender essa dinâmica. Do mesmo modo, considera a síntese e a dialética como o centro das investigações relacionadas às especificidades humanas.

Esse estudo busca, no terceiro momento, explicar acerca da gordofobia pela vertente histórico-cultural, sendo estabelecida uma possível correlação, a fim de explicar a gênese do

fenômeno. Embora seja uma ocorrência da atualidade e da sociedade ocidental, a gordofobia pode ser elucidada pela história da humanidade.

Nessa conjuntura, esse escrito traz o percurso das significações do corpo ao longo da vida do homem em sociedade. Percurso esse que ocorre de forma antagônica, isso é, ora o corpo gordo é tido como o modelo ideal, representação de riqueza, fartura e boa saúde, ora visto como problema a ser combatido, sinal de doença e deformidade.

Outra questão sobressalente refere-se ao discurso da medicina que condena o corpo gordo e dissemina a ideia de que para se ter um corpo saudável, é preciso eliminar a gordura corporal. É nesse cenário que entra em cena a atuação industrial em prol de lucros, o que automaticamente correlaciona ao sistema capitalista, o qual possui grande influência na padronização dos corpos.

Em seguida, o artigo busca compreender o contexto educacional, trazendo a gordofobia como uma discriminação efetiva nas escolas recorrente na pré-adolescência. A escola como uma esfera social, tende a ecoar a realidade da sociedade, e de certa forma, pode ser um lugar propício para expandir o preconceito.

Por conseguinte, o objetivo dessa pesquisa consiste em analisar criticamente o fenômeno Gordofobia segundo a perspectiva da Teoria Histórico-Cutural, bem como destacar sua ação coerciva na vida dos indivíduos, principalmente entre os pré-adolescentes em âmbito escolar. Para tanto, fez necessário realizar um levantamento bibliográfico, ponderando as perspectivas de diversos autores que discorrem sobre o assunto para analisar a temática. Vale ressaltar que alguns autores alicerçados em outras vertentes teóricas foram explorados a fim de responder a algumas indagações, mas sempre com a intenção de estabelecer uma aproximação possível com a Teoria Histórico-Cultural.

Sendo assim, anseia-se com esse estudo uma reflexão sobre os olhares depreciativos veiculados ao corpo gordo, possibilitando a construção de uma sociedade tolerante, que respeite as diferenças, do mesmo modo, instigando novas investigações sobre a temática.

2. DEFINIÇÕES SOBRE GORDOFOBIA

É perceptivo na atualidade o problema, que cresce consideravelmente na sociedade relacionado ao corpo, isso é o fato de uma pessoa não possuir o padrão de beleza exigido pela sociedade, no caso, o corpo magro e delineado, propende a sofrer discriminações por sua aparência corporal, bem como repúdio, exclusão social, ridicularização, desprezo e olhares

críticos a sua imagem. Tais problemas referem-se a um tipo de estigma que aflige pessoas consideradas acima do peso, como aponta Melo, Farias e Kovacs (2017).

A fim de explicar essa coerção social referente ao modelo estabelecido socialmente, o qual prestigia o corpo magro, é correntemente utilizada a terminologia gordofobia para delinear as derivadas formas de discriminação contra o corpo gordo. Diante de comportamentos preconceituosos, implica então a necessidade de destacar que o respectivo modelo corporal aclamado, não simboliza a realidade dos brasileiros, visto que a população brasileira é composta em sua maioria por pessoas consideradas pela medicina, acima do peso (ARAÚJO et al., 2018).

Nesse sentido, uma hesitação se levanta a esse antagonismo, isso é, já que o modelo requisitado não é efetivo na sociedade “[...] uma vez que cerca de cinquenta e dois vírgula cinco por cento dessas mulheres apresentam sobrepeso” (VALIM, 2017 p. 18) e que “[...] quarenta e nove vírgula um por cento das mulheres estão com excesso de peso” (VALIM, 2017 p. 18). Embora essa estatística dirija-se ao sexo feminino como exemplo, os dados denotados trazem que o padrão de beleza em alta não representa a população de forma geral, criando-se um paradoxo.

Numa perspectiva histórica, a qual é possível explorar o fenômeno a partir de fundamentos da Teoria Histórico-Cultural, Silva (2017) salienta que reconhecendo a historicidade do corpo, e principalmente a obesidade, é possível reconhecer a construção cultural do preconceito, por meio dos signos visto que o corpo gordo está sendo recorrentemente instrumento de julgamento.

Sob esse viés, observa-se também que a obsessão em massa de evitar desesperadamente o corpo gordo está pautado no binômio magreza/saúde, o qual se ancora nas afirmações da medicina e inclina-se a coagir os indivíduos gordos a se modelarem. Tal fato ocorre porque o “[...] discurso da obesidade como conjuntura pandêmica tem impelido as pessoas ao controle rigoroso dos seus corpos” (ARAÚJO et al. 2018. p. 3) e, desse modo, o significado do corpo gordo está relacionado a falta de saúde, a busca incessante de evitá-lo, pode se tornar um perigo maior.

Para Araújo e outros (2018), a busca desesperada de pertencer ao padrão de beleza exigido socialmente, é mais agravante que a gordura corporal tão condenada. Nesse sentido, a estigmatização do corpo gordo, pode agravar significativamente o quadro de saúde das pessoas consideradas obesas.

De forma similar, Rangel (2018) analisa o discurso que governa as ações preconceituosas e afirma que tal discurso está relacionado a ilusória preocupação com a

saúde. Contudo, o corpo gordo não é um aspecto determinante em reação a doenças, “[...] uma vez que vários sinais corporais, como emagrecimento, podem indicar doença e, no entanto, os corpos escolhidos para serem supervigiados são os corpos gordos (RANGEL, 2018, p. 25)”, ou seja, existe um discurso pautado no binômio saúde/magreza que nem sempre se efetiva, mas o maior interesse social persiste em extinguir o corpo gordo.

Nota-se então que tudo que não está em conformidade com as determinações sociais gera discriminação e exclusão social e “[...] isso pode ser percebido no que diz respeito a negros, índios, mulheres, portadores de necessidades especiais etc.” (VALIM, 2017 p. 26). No caso em discussão, a valorização exacerbada do corpo magro amplia o olhar negativo a pessoa gorda, sobrepondo-a um excerto de inferioridade e automaticamente o indivíduo é sujeitado a gordofobia.

Vale ressaltar que a terminologia gordofobia é empregada, a primórdio, pelo movimento feminista que se manifestou entre os séculos XIX e XX, com mais evidência no ano de 1960, com a intenção de reivindicar os direitos das mulheres. O movimento feminista se preocupava com o fato de as mulheres serem libertas de exigências sociais em relação ao próprio corpo e concomitantemente alertava para as questões de desigualdade de gênero existentes nesse período (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Em tese, a gordofobia refere-se à discriminação geradora de exclusão social, segundo Sampaio (2017), devido ao peso do indivíduo. Para a autora, a gordofobia é um preconceito arraigado na sociedade, causando sofrimento e irritações por contas das piadas e deboches humilhantes.

É importante ponderar que as concepções de enaltecimento da magreza são característica da sociedade ocidental (RANGEL, 2018). Por esse prisma, vale ressaltar que o corpo humano em sua constituição física e biológica faz parte de um mecanismo estritamente social devido sua simbologia que lhe é atribuída e a forma em que o indivíduo se situa, age e interage no meio em que vive. Para Araújo et al. (2018):

O processo de aversão à configuração corpórea volumosa (leia-se, preconceito/discriminação baseados no peso) desdobra de uma realidade social maior, pautada em conjunturas e ideologias específicas, refletindo atitudes, crenças e valores do tecido social num dado contexto histórico. Portanto, por estar situado na interface individual versus social, o corpo afeta e é afetado pelo movimento das sociedades cambiantes. Por tal razão, isto é, por compor um importante objeto social, a visão sobre o corpo (gordo) ganha centralidade e a sua análise pode revelar muito da história e das relações de uma dada sociedade (ARAÚJO et al. 2018. p. 5).

Corroborando com tais pressupostos, Silva (2017) ressalta que o preconceito age coercivamente sobre sexo feminino no contexto cultural. Tal afirmativa corresponde ao

pensamento do modelo corporal para as mulheres se legitima por meio da ótica masculina, o que deixa evidente o poderio do patriarcado.

Para autora, o poderio do patriarcado estipula ideais de como deve ser o corpo feminino, sendo então, uma forma de controle. Desse modo, o sexo feminino é constantemente vítima da opressão estética, em que “com um corpo tão fora dos padrões socialmente estabelecidos, as mulheres gordas são rejeitadas e, quando gostam de si ou têm autoestima, são duramente atacadas e criticadas” (SILVA, 2017, p. 181).

Outra consideração feita por Silva (2017), refere-se a mídia, por ser a principal condutora da padronização dos corpos e significados de beleza como signos, sendo então “[...] veiculadas diariamente por todas as mídias (TV, rádio, imprensa, internet) a cerca de conteúdos relacionados ao risco da obesidade, às dietas, a casos de emagrecimento, reeducação alimentar” (p. 65). A mídia apresenta constantemente o pensamento de o corpo magro ser o mais adequado e, em decorrência dessa representação, “[...] há efetivamente uma influência muito grande da mídia e da indústria do emagrecimento sobre os indivíduos, criando padrões oficiais e midiáticos de beleza e, conseqüentemente, criando a estigmatização daqueles que não se encaixam em tais padrões” (SILVA, 2017, p. 65).

Para o referido autor, esse contexto reforça a percepção de que o corpo, para além da biologia, engloba questões históricas, políticas e culturais. Então, a simbologia do corpo depende do período histórico, da cultura do lugar onde o indivíduo está, isso é, o corpo é considerado um objeto mutável de percepção temporária, sujeitado a modificações a partir da interação com o mundo. Destarte, o corpo se apropria de um papel imperioso nos processos de internalização de mensagens culturais coletivas porque ele “[...] se transforma culturalmente em signo mediador das interações sociais do sujeito, seja através das mensagens culturais enviadas pelos outros, pelas instituições, por elementos da vida cotidiana, seja pelas ações do próprio sujeito no contexto das interações” (SILVA, 2017, p. 71).

Diante dessa perspectiva, torna-se crucial uma investigação crítica e aprofundada para revelar a gênese do fenômeno gordofobia por meio da história da humanidade e sua relação com o corpo a partir de fundamentos da Teoria Histórico Cultural.

3. PRINCÍPIOS DA TEORIA HISTÓRICO CULTURAL

A teoria Histórico-Cultural vislumbra o ser humano como um ser histórico, ressaltando as interferências culturais sobre ele, concomitantemente aponta a possibilidade de intervenção nessa cultura (PIATTI; URT, 2014). Tal pensamento vai ao encontro da teoria

materialista de Marx, a qual reconhece o homem como transformador de sua natureza, em movimentação contínua, sendo então, produzido historicamente (TULESKI, 2018).

Nessa conjuntura, ancorado no materialismo dialético, Vygotsky se aprofunda nessa perspectiva, analisando a pessoa humana como essência, a qual se apropria do mundo exterior e a modifica com sua ação a qual está sempre em movimento dependendo do contexto histórico. Isso explica as diferentes conotações lançadas ao corpo no decorrer da história e o atual significado dado ao corpo gordo, originando a gordofobia. De acordo com Vygotsky, o homem e sua atividade estão integralmente relacionados ao social e que “[...] as relações sociais de produção devem ser entendidas como unidade de análise, como pedra angular que regula a vida social concreta” (BARBOSA; MILLER; MELLO, 2016, p. 16).

Também Freitas (2002) considera que para contemplar as especificidades humanas é preciso enxergar a pessoa além de sua natureza ou de um objeto estanque, a fim de englobar os signos e a essência dos significados porque nas ciências humanas, ao se trabalhar com a interpretação das estruturas simbólicas, é preciso atingir a infinitude dos sentidos simbólicos.

Nesse sentido, o método investigativo busca analisar o ser humano em sua integralidade, “[...] como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico” (FREITAS, 2002, p. 3). Destaca-se então que a pessoa humana é vista como um ser concreto, material, definido pela cultura ao mesmo tempo em que estabelece transformações sobre ela em uma correlação bilateral.

A dimensão social é analisada por Barbosa, Miller e Mello (2016), por entender que é impossível compreender o ser humano de maneira isolada, por estar inserido em um contexto histórico e social. Por conseguinte, considera-se impossível analisar a gordofobia de forma fragmentada, sem considerar as transformações sociais dos signos corporais ao longo dos anos. Além do mais, Vygotsky ainda ressalta as significações culturais como centro de sua ideologia, pois elas são responsáveis pela construção do comportamento humano, especificamente no que diz respeito a formação de conceitos e, nesse caso, “[...] essa proposição metodológica é coerente com toda sua teoria dialética de compreensão dos fenômenos humanos” (FREITAS, 2002, p. 6).

Devido a necessidade de desvendar a especificidade humana, é fulcral percorrer a investigação por meio da dialética entre os aspectos culturais e sociais, bem como o singular e a totalidade em que a “[...] lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto do pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma do pensamento (ela é uma lógica abstrata)” (SAVIANI, 2014, p. 79).

Nessa linha de pensamento, pode-se considerar a gordofobia como uma construção social, associada aos significados dos grupos socioculturais, em que a síntese é a chave da questão tendo em vista que o ser humano e o meio são relativos. Assim, entende-se que os “[...] grupos existem porque as pessoas os criam e a atividade de criar o grupo transforma os indivíduos. Indivíduos e grupos estão dialeticamente vinculados. Eles não são a mesma coisa, mas nenhum deles tem qualquer significado sem o outro” (LOBMAN, 2014, p. 137).

Vale ressaltar que, segundo a teoria Histórico-Cultural, a sociedade é vista como uma totalidade em constante transformação, em desenvolvimento, dinâmica e contraditória, por isso, há a importância de não lançar olhares momentâneos e não enxergar a pessoa humana no agora, mas sim mediante o caminho histórico, a historicidade dos processos em movimento, como pontua Martins (2015):

É preciso caminhar das representações primárias e das significações consensuais, em sua imediatez sensível, em direção à descoberta das múltiplas determinações ontológicas do real. Assim sendo, não nos pode bastar apenas o que é ‘visível aos olhos’, pois o conhecimento da realidade, em sua objetividade, requer a ‘visibilidade da máxima inteligência’ dos homens (MARTINS, 2015, p. 37).

De acordo com a autora, é inconcebível gerir qualquer concretização sobre o ser humano de forma fragmentada, isolando a relatividade entre indivíduo e o social, universal e singular, pois um só existe devido a existência do outro. Portanto, a síntese apresentada por Vygotsky possibilita entender o desenvolvimento do ser humano a partir da dialética, pelo o que está posto socialmente e o que o indivíduo produz e transforma, surgindo o novo.

Nesse sentido, Vygotsky em relação a síntese, aponta a atividade humana como essência do desenvolvimento humano, instrumento gerador de mudanças e interação social, isso é, o ser humano pratica uma ação para suprir sua necessidade, tornando o trabalho a chave para compreender o contexto social. A vista disso, o trabalho é considerado como um “[...] processo dialético, em que o sujeito cria e recria sua consciência, promovendo um movimento social na construção de sua identidade”. (PIATTI, URT, 2014 p. 472). É por esse caminho dialético que adentramos na concepção atual do corpo a fim de entender o fenômeno gordofobia.

4. GORDOFOBIA E INTERPRETAÇÕES DO CORPO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Embora gordofobia seja um tema contemporâneo e não tenha sido contemplada por Vygotsky, é possível compreendê-la a partir da teoria Histórico-Cultural, tendo em vista que as significações inerentes ao corpo passaram por transformações, adquirindo diferentes configurações, sendo, portanto, crucial percorrer o caminho histórico para entender as concepções atuais do corpo e como chegou a ser como é.

De acordo com Valim (2017), historicamente na organização da sociedade é visível as diferentes configurações relativas aos valores dados ao corpo e na atualidade também é perceptível o sentido arquétipo, isso é, a conotação enaltecida da magreza como símbolo de beleza, principalmente o que concerne o corpo feminino.

De certa forma, o corpo humano posicionado no dinamismo social, sempre apresentará condições variáveis de sentidos e atribuições, pois por meio dele é possível estabelecer a interação social do sujeito num determinado ambiente, possibilita ainda uma leitura cultural de um grupo social. O corpo vai muito além de uma mera ocupação do espaço, por promover interpretações dos papéis sociais, da cultura, da subjetividade e do modo em que cada sociedade se organiza.

O corpo informa e se comunica por diferentes meios, seja pelo vestuário, por seu formato anatômico (curvas, volumes, estatura etc.) e por padrões estéticos. Ele está sujeito a regimes de olhar e de dizer da sociedade que criam condições de possibilidade para a sua própria existência e aos modos de atuação social, cultural, estética e política; com isso, reserva-lhe condições de existência para ocupar certas posições e não outras (VALIM, 2017 p. 25).

Nesse contexto, percebe-se que corpo sempre foi alvo de preocupação, Valim (2017) argumenta que na Grécia Antiga assim como a sociedade atual, estimava o corpo delineado e musculoso, atlético, tendo uma concepção de boa forma, agilidade, saudável e fértil. Particularmente para a filosofia, o corpo trazia várias indagações referente a existência em sociedade.

Em uma breve e sucinta visão, os grandes filósofos: Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347 a.C.) e Aristóteles (384 a 322 a.C.) possuíam abordagens diferentes acerca do corpo. Para Sócrates, o homem era um ser integrado por corpo e alma, esta junção torna-se importante para a interação do indivíduo com o mundo. Na perspectiva de Platão, o corpo servia de aprisionamento para a alma. Já Aristóteles acreditava que as ações humanas eram realizadas em conjunto, em um feixe entre corpo e alma em um processo contínuo. As concepções desses filósofos são a base para a compreensão sobre as diversas concepções de corpo desenvolvidas na formação da sociedade ocidental e como ele adentrou as dimensões históricas, culturais e sociais (VALIM, 2017, p. 27).

No Período Medieval, o corpo era visto por duas vertentes, econômica e religiosa, sendo a primeira relacionada a agricultura em que a estrutura física estipulava as atividades

desempenhadas pelos indivíduos. A segunda remete a qualquer afeição voltada ao corpo era considerada como profana, ilícita, ação maligna que deve ser vencida, buscando libertação a partir de penalidade, sacrifício e sofrimento.

Com base nesses argumentos, é perceptível que as atenções dadas ao corpo não são um mérito da sociedade atual, e que em outros momentos da história humana, o corpo gordo não era apedrejado, como “[...] por exemplo, na Idade Média, as anatomias maciças eram apreciadas como sinônimo poderio, ascendência” (ARAÚJO et al. 2018, p. 3).

Outrossim, esse momento histórico avista-se o corpo avantajado nos seus dias de glória, porquanto “[...] o consumo de alimentos eram pra poucos, nesse período, riqueza e saúde correspondiam à barriga cheia e à corpulência” (VALIM, 2017, p. 45). Essa avaliação modificou-se, principalmente nos séculos XVII e XIX, iniciando as preocupações significantes em relação a alimentação. Dessa maneira, alimentos que eram considerados fornecedor de energia para o corpo, passaram a ser condenados e retirados ou reduzidos da rotina alimentar em busca da perda de peso, em uma rigorosa inspeção corporal.

Essas configurações que constituem o corpo como histórico e social, posto que as definições remetidas a ele estão ligadas em como cada sociedade visualiza e estabelece valores, em determinado momento, existindo então um incansável duelo entre o corpo magro e gordo. Para Valim (2017, p. 42), “A relação entre essas categorias corporais e o que elas significam no tempo e no espaço são e continuam sendo indispensáveis para que elas coexistam”.

Nessas circunstâncias, um fato histórico se torna um dos principais motivos da conversão de valores fadados a estrutura corporal. Precisamente no campo econômico, com o advento da Revolução Industrial, as atribuições ao corpo relacionado a estrutura física foram decisivas na divisão social e divisão do trabalho, fato esse que se pode relacionar a sociedade capitalista, momento esse que surge o preconceito contra o corpo gordo.

Esse cenário social configura-se em um campo propício para investimentos do mercado industrial, com o pensamento de erradicar o suposto excesso de peso, originando a discriminação e marginalização do corpo gordo. Portanto, as transformações econômicas, as quais deram origem ao capitalismo, também fecundou uma nova ideologia para a imagem corporal:

[...] agora, a noção do corpo se relaciona com a concepção de máquina, sendo assim, um corpo manipulável e disciplinado. Essa transformação associa a energia dos sujeitos não mais na esfera da mente, mas do corpo, em movimentos repetitivos e controlados, um corpo na produção em série que a Revolução Industrial faz emergir (CARVALHO, 2018, p. 68).

Dito isso, na medida em que a sociedade se transforma a fim de se adequar ao modelo de vida que aclama a agilidade, o gordo definitivamente não se enquadra como modelo que atenda a essas perspectivas. Consequentemente, a restrição alimentar entre em pauta na vida dos indivíduos, concebendo um pensamento homogêneo de corpo ideal.

Carvalho (2018) considera a hegemonia como poder invariável exercido pela classe abastada de forma conceitual porque “[...] permite inferir que ela se dá por estratégias implícitas, principalmente calcadas no discurso, na dimensão de ideologias de grupos particulares” (p. 12), deixando explícitas as questões de classes.

É importante ainda destacar a ascendência capitalista, com ideologias de normatização dos sujeitos, com obtenção de lucros em curto período em favor dos interesses do mercado e da classe abastada. Essa questão abre caminho para um diálogo com a teoria vygotskyana, uma vez que se busca a gênese do fenômeno, e no caso, relacionando a gordofobia com a construção social e a subjetividade produzida pelo capitalismo, sendo possível também correlatar com os conceitos marxista sobre a força da indústria material que se integra ao psiquismo humano (ELHAMMOUMI, 2016).

Para Elhammoumi (2016), Vygotsky, durante a transição econômica do feudalismo para o capitalismo, pensou em um método de pesquisa que respondesse a crise na psicologia na época, a qual não era suficiente para entender o ser humano em sua complexidade. Desse modo, buscou no materialismo marxista aspectos que assistiam as questões em pauta, tendo em vista que para se compreender o indivíduo é necessário aceitar em primeira instância o dinamismo, a historicidade e sociedade.

Portanto, ao assimilar a teoria histórico-cultural com a gordofobia, é possível observar as diversas concepções relacionadas ao corpo de forma dinâmica e histórica e que independente do fenômeno, sempre estará em transformação e hipoteticamente de forma contraditória.

Nessa perspectiva, a teoria histórico cultural de Vygotsky, explica o fato de que a realidade se encontra no dinamismo material e dialético. Dessa forma, a teoria define que o ser humano e os demais seres vivos, estão em constante mutação em movimento dialético, interligados com experiências atuais e anteriores (ELHAMMOUMI, 2016).

Especificamente no ano de 1990, a partir das indústrias farmacêuticas, surgem medicamentos que prometem o emagrecimento, concomitantemente, as dietas e procedimentos cirúrgicos, fatores fundamentais para a busca do corpo perfeito, gerindo o

consumismo em massa. Portanto, o corpo passa a representar objeto de consumo e símbolo de realização pessoal, perante a sociedade capitalista (CARVALHO, 2018).

Outro aspecto a ser analisado, para desvendar a gênese do fenômeno gordofobia, se refere ao discurso da medicina ancorado no pensamento capitalista do sujeito ser empreendedor do próprio corpo (RANGEL, 2018). Nesse contexto, a preocupação com o peso se expande para uma convicção de ações saudáveis partidas do próprio sujeito, momento esse que origina a culpabilização em não conseguir alcançar um corpo saudável, e não condizer ao padrão constituído como perfeito. Assim, “[...] a saúde é vista, então, como em termos de um imperativo moral de autocontrole, responsabilidade individual e de boas escolhas” (CARVALHO, 2018, p. 36), com isso, manter-se saudável, automaticamente significa eliminar o peso corporal.

O corpo gordo na atualidade, diante da visão da medicina, é visto como um problema a ser eliminado, logo, “[...] essas representações calcadas na biomedicina são construções discursivas e, portanto, a concepção de gordura é definida e produzida por discursos médicos, naturalizando a concepção de que esse objeto pode ser apenas definido por eles” (CARVALHO, 2018, p. 35). O discurso em questão intensifica a doutrinação da magreza, uma vez que:

Os discursos médicos *colonizam* outras práticas sociais, garantindo que a visão particular destes seja iterada em outras práticas. Em termos de colonização, a “verdade” sobre a gordura é a visão da biomedicina sobre ela, fazendo com que as discussões públicas da saúde e as opiniões de outras esferas sociais sejam parcialmente representadas por essa verdade (CARVALHO, 2018, p. 36).

Nesse contexto, Araújo e outros (2018) apresentam situações de preconceito no ramo profissional, em que as pessoas gordas retratam a falta de qualificação, equilíbrio e autodomínio, e que dificilmente terão a oportunidade de serem selecionadas no mercado de trabalho, propiciando até mesmo, diferença de salário. O que leva ao entendimento que o gordo não pode cooperar com a força de seu trabalho na sociedade em que vive, devido a taxaço negativa que lhe são impostas.

Nessa conjuntura, novamente reitera-se a teoria Histórico-Cultural a fim de explicar as definições de trabalho como toda atividade exercida pelo sujeito independente de idade, as quais elucidam a condição social, isso é, todo ser desempenha tarefas na sociedade, o que Vygotsky relatava ser a essência da existência do ser humano, o que lhe torna diferente dos outros animais. Assim, Barbosa; Miller e Mello (2016) aludem que é a atividade que desenvolve a humanidade no sujeito, pois por meio dela, cria-se planejamentos, estabelece objetivos, provoca transformações na natureza e concomitantemente transforma o homem. Do mesmo

modo, o trabalho tido como atividade humana, define as circunstâncias da existência do homem e da vida social.

É possível notar que, para as autoras, Vygotsky ilustra a eventualidade de que a pessoa humana não nasce humana, e por meio de seu convívio social e do trabalho passa pelo processo de humanização. Portanto, esse fato excede a importância do trabalho e nesse contexto infere-se que o poderio do capitalismo interfere na alienação do homem e o trabalho por conta da gordofobia, posto que, pessoas gordas sofrem discriminação no mercado de trabalho, sujeitados a menores remunerações e menos oportunidade de emprego (ARAÚJO et al, 2018).

À medida que tal situação ocorre, desencadeia também o significado de si, de forma negativa para pessoa gorda, desenvolvendo um processo de desumanização, uma vez que o trabalho apresenta a essência da existência humana. E o fato de não exercer uma atividade que dá sentido à sua vida, a pessoa gorda se torna alienada e excluída do meio social.

O processo de industrialização, pautado em um novo capitalismo, interfere diretamente no campo do trabalho, por exigir que o trabalhador seja produtivo e assíduo, flexível, sempre à disposição e ser muito dedicado a função. Dessa forma. “[...] a meritocracia fixa cada vez mais no desempenho do indivíduo e não nas condições em que se encontra” (RANGEL, 2018, p. 22), evidenciando que a total responsabilidade de se obter êxito profissional é designada ao próprio indivíduo.

Nesse sentido, a sociedade atual produz o corpo gordo e ao mesmo tempo não o tolera, uma vez que a forma de vida do sujeito não colabora para as exigências corporais do momento, como por exemplo, os trabalhos que exigem força humana se limitam e o esforço físico é substituído por cadeiras e gabinetes. (RANGEL, 2018)

Por esse viés, em analisar a sociedade em geral, é possível identificar a presença desse preconceito vinculada ao discurso de incapacidade do indivíduo devido ao seu peso. Tal casualidade também está presente em vários campos sociais, inclusive o educacional.

5. ATUAÇÃO DA GORDOFOBIA NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR

À medida que se entende o poder da gordofobia em um discurso capitalista de que o gordo não possui produtividade (RANGEL, 2018), além de não ter autocontrole sobre seu corpo, pode-se afirmar que em qualquer fase do desenvolvimento humano, o preconceito revigora, o que também acontece em qualquer esfera social, como no âmbito escolar. E a

medida que a gordofobia se manifesta no campo escolar, automaticamente pode ser relacionada a interferência desses aspectos, tornando-a um problema da escola. Segundo Elhammoumi (2016), a teoria vygotskyana compreende que o natural, o social e o trabalho são os aspectos primordiais e mediadores do trabalho educacional, o que torna possível, analisar a imposição gordofóbica a partir da teoria Histórico-Cultural no contexto escolar. Tal fato é possível porque “Vigotsky enfatiza que a dialética opera com categorias abstratas que são válidas para qualquer campo do saber” (ROMANELLI, 2011, p. 204), porém há a necessidade de utilizar critérios metodológicos intermediários para obter resultados.

Outrossim, a tendência que constrói as concepções dos sujeitos é também prevalente nas escolas e “[...] estar acima do peso numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal, significa poder fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo em idade escolar” (SCUTTI et al. 2014, p. 130). De forma similar, Barbosa, Miller e Mello (2016, p. 14), argumentam que a teoria vygotskyana e marxista, se conversam na medida em que “[...] reportam à educação escolar como atividade particular de mediação da cultura elaborada sociohistoricamente”, o que explica a escola interligada com a cultura e a sociedade. Desse modo, os alunos que não atendem ao protótipo da magreza, possivelmente serão alvo de discriminações e perseguições, devido a sua massa corporal, sofrendo exclusão social, agressões, desmotivação quanto a realização pessoal e apelidos ofensivos.

Outra questão a ser destacada, deve-se ao fato de que o indivíduo durante a transição da infância para adolescência, tende a conviver com diversos conflitos internos e pessoais, isso é, essa fase do desenvolvimento por si só já possui complexidade e empasses (ABESTAURI, KNOBEL, 1981), concernente as mudanças corporais ocorrentes da puberdade e luto pela infância. Esta etapa do desenvolvimento humano destaca-se como um dos principais momentos em que ocorre a gordofobia, sendo praticada verbalmente, por meio de apelidos e xingamentos, praticada fisicamente, por agressões especificamente, e relacional, no caso, a exclusão social (SCUTTI et al, 2014).

Destarte, Souza e Gonçalves (2018) aludem a valorização do corpo magro pelos pré-adolescentes. O anseio de ser aceito desencadeiam sentimentos de tristeza e de vergonha, causando dificuldade se relacionar socialmente. Sendo assim, pertencer ao padrão exigido está como primícias dos pré-adolescentes na tentativa de serem quistos pelos grupos na escola.

Em conformidade com esses argumentos, percebe-se “[...] que os adolescentes que fogem aos padrões sociais considerados normais sofrem de práticas excludentes” (NETO; CAMPOS, 2010, p. 17). Por conseguinte, considera-se o espaço escolar como um lugar

pertinente para ataques gordofóbicos, principalmente na adolescência, porque a escola, como uma esfera social, reflete a realidade da sociedade em que o sujeito está inserido.

Tendo em vista que o pré-adolescente tem noção de sua existência a partir da vida em sociedade, ele apreende concepções dadas pelo meio social, as normas e a consciência, como salienta, Elhammoumi (2016), de que para Vygotsky, a personalidade humana se constitui por meio das relações sociais, fato que ocorre desde a puerícia e perpassa por toda fase do desenvolvimento humano. Em relação ao cognitivo, é nessa fase, definida por Martins (2016) como fase dos complexos, que o ser humano assimila aspectos mais complexo, organiza, elabora concepções, compreende sistematiza a imagem psíquica na formação do pensamento.

Dado esse enredo do desenvolvimento humano e a complexidade escolar, é possível afirmar, que é no espaço da escola que o fato de ser gordo, consiste em um dilema, porque a experiência educativa no início da adolescência desperta lembranças que resultam em dor e sofrimento, como descreve Martins (2006):

Cursava a sexta série do ensino fundamental quando o professor de Educação Física propôs que os meninos sentassem de um lado do campo de futebol e as meninas sentassem no lado oposto. A atividade consistia em que, ao som do apito, os meninos deveriam correr, ir até o lado em que se encontravam as meninas, pegá-las no colo e levá-las ao lado do campo onde eles se encontravam inicialmente. A atividade encerrava-se quando todas as meninas estivessem no lado correto. Ocorre que tal atividade gerou extremo incômodo às meninas mais pesadas, entre elas eu, já que os meninos não queriam nos carregar. Aqueles que se arriscaram a tal propósito enunciaram o quanto eram fortes, já que conseguiam suportar o peso das mesmas. Além disso, no término da aula e até o fim daquele dia, tal atividade gerou inúmeros comentários e deboches ao excesso de peso de algumas meninas (MARTINS, 2006, p. 9).

Compreende-se assim que a escola faz parte de um segmento social, a qual engloba a construção histórica do sujeito, fazendo com que o ser humano crie uma percepção de si a partir desse quesito. A escola pode ser entendida como um ambiente histórico e dinâmico, apto a transmitir signos e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças, como no caso, em ações gordofóbicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões realizadas sobre gordofobia, foi possível evidenciar as diversas discriminações vivenciadas por pessoas consideradas gordas socialmente, entre elas a exclusão social. O corpo gordo na atualidade possui um estigma de deformidade que deve ser evitado, pensamento esse dado como signo, internalizado pelos indivíduos.

Ao entender a pessoa humana como um ser histórico que é provida de cultura ao mesmo tempo em que a produz, as reflexões foram relevantes para compreender as concepções dadas ao corpo no decorrer da construção da história da humanidade. Notou-se também, que embora a gordofobia seja uma temática recém-explorada, os olhares e julgamentos do corpo estão presentes em todos os momentos históricos, mas de maneira contraditória.

Desse modo, a aproximação com a teoria histórico-cultural é relevante, pois essa interlocução permitiu evidenciar o ser humano como o centro da investigação, vislumbrando-o como construtor de sua própria história a partir das relações sociais, que possui singularidade num espaço particular dentro de um contexto universal.

Para finalizar, destaca-se que todas as esferas sociais estão sujeitas a gordofobia, inclusive no âmbito escolar e profissional, afetando principalmente o sexo feminino, culminando em depreciação das pessoas que não atendem ao modelo estipulado como “perfeito”.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Trad. Suzana Maria Garagoray. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ARAÚJO, L. S. et al. Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em estudo**. v. 23, p. 1-17, Paraná. 2018.

BARBOSA, M. V; MILLER, S; MELO, S. A. **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

ELHAMMOUMI, M. O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky: a luta por uma nova psicologia. In: BARBOSA, M. V; MILLER, S; MELO, S. A. **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo. n. 116. p. 21-39, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002>. Acesso em: 03 abr 2019.

MARTINS, J. **Tudo menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. Porto Alegre, RS. Tese (mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/ RS. 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/dissertac_tudomenosgorda.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MARTINS, L. M. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. *In: **Materialismo histórico dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural**: método e metodologia de pesquisa.* In: TULESKI, S. C; LEITE, M. C. H. A. (Org). Maringá: Eduem, 2015.

MARTINS, L. M. A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico cultural e a pedagogia histórico-crítica. In: BARBOSA, M. V; MILLER, S; MELO (Orgs). **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. S. A. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. Estereótipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organização e Sociedade**, Salvador. v. 24. n. 81. p. 305-324.abr./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v24n81/1413-585X-osoc-24-81-0305.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

NETO, I. B; CAMPOS, I. G. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. *Caderno de Educação Física*, v. 9. n. 17. p. 87-99.2010.

PEREIRA, B. B.; OLIVEIRA, P. P. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. **INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo, 2016. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2017.

PIATTI, C.B; URT, S.C. As narrativas na pesquisa em educação: questões que suscitam. **Revista Contrapontos**. Itajaí, SC. v. 14. n. 3. p. 464-478, out. 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4762/3673>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. Florianópolis 2018. Dissertação (Mestrado Sociologia e Ciência Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

REED, M. “Que diabos você pensa que está fazendo?” uma abordagem histórico-cultural e pedagógica ao negativismo na escola. *In: BARBOSA, M. V; MILLER, S; MELO, S. A. Teoria histórico-cultural*: questões fundamentais para a educação escolar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

ROMANELLI, N. A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 16. n. 2, p. 199-208. abr/jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a03v16n2.pdf>>. Acesso em: 04 abr 2019.

SILVA, M. O. **Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia**. 2017. 226 f. Doutorado em Processos de desenvolvimento humano e saúde Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília Biblioteca Depositária: BCE – UNB

SAMPAIO, F. A. **Gordofobia**: as vozes da opressão no gênero piada. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) -

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15896>>. Acesso em: 05 mar 2018.

SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. In: BARBOSA, M. V; MILLER, S; MELO (Org). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

SCUTTI, C. S. et al. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. **Rev. Fac. Ciênc. Méd.** Sorocaba, v. 16. n. 3. p. 130-133. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/15188>>. Acesso em: 10 maio 2018.

TULESKI, S. C; LEITE, M. C. H. A. (org). **Materialismo histórico dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural: método e metodologia de pesquisa**. Maringá: Eduem, 2015.

SOUZA, V. C. S; GONÇALVES, J. P. Discussão sobre gordofobia e estereótipos de gênero: relatos de pré-adolescentes no contexto escolar e familiar. X JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA UFMS/CPNV – "História do livro, da leitura e das práticas escolares na educação brasileira: os desafios do tempo presente". **Anais...** Naviraí, 2018. Disponível em: <<https://jornadaeducacaonavirai.ufms.br/anais-2018/>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

VALIM, C. C. Moda plus size em governamentalidade: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. Maringá 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.